

Apresentação

Como lugar de tensão, de experimentação e de síntese das evoluções sociais, a cidade da época contemporânea tem sido objecto de inúmeras descrições. Os documentos históricos textuais e iconográficos encerram o fenómeno urbano numa série de definições ou verdades mais ou menos rígidas e, por vezes, antagónicas. Cada actor tem a sua maneira de descrever e de definir a sua cidade, segundo objectivos e interesses próprios. Como estabelecer ligações entre os discursos dos habitantes, dos pensadores e urbanistas, das administrações locais e nacionais, dos artistas, dos viajantes, dos memorialistas, do poder municipal, dos políticos, dos cientistas e tantos outros? Partindo do princípio de que cada descrição é boa e legítima, no sentido em que constitui sempre um testemunho de uma posição ou de uma escolha quanto à maneira de pensar e viver a cidade, este *dossier* propõe a análise de alguns processos que, em contextos históricos e sociais diferenciados, contribuíram para moldar formas de vida urbana.

O título deste *dossier* inspira-se no livro de Lorenza Mondana onde é possível encontrar uma síntese teórica geral do modo como os discursos e o espaço urbano se articulam¹. Trata-se de um estudo importante que, sendo escrito por uma linguista, se interessa mais pelas estratégias discursivas sem analisar directamente as suas influências sobre as mutações de concepção do urbano. Por descrição da cidade entende-se toda a actividade, mais ou menos visível e assumida, de categorização e de construção de discursos e de saberes sobre a cidade. A operação de descrição vai além da representação e da produção ou da circulação de imagens. São os intercâmbios entre o objecto descrito e o discurso descritivo que têm de ser focados, com a invenção de novos objectos e a delimitação de novas formas urbanas. As descrições não são tanto entendidas como fontes mas sim como objectos de estudo. O tema deste *dossier* é, pois, a descrição como actividade estruturadora do fenómeno urbano.

Para este *dossier* reuniu-se um grupo pluridisciplinar de investigadores que trabalham temas relacionados com a história urbana – e mais propriamente com a

¹ Lorenza Mondana, *Décrire la ville. La construction des savoirs urbains dans l'interaction et dans le texte*, Paris, Anthropos, 2000, 284 p.

história da cidade de Lisboa – baseando parte do seu estudo na análise aprofundada de uma documentação claramente identificada.² À primeira vista, a diversidade dos temas debatidos neste *dossier* pode dificultar as tentativas de comparação entre estudos que têm cada um a sua própria coerência. Esta diversidade de contextos históricos e de situações sociais e culturais pode ser evidenciada tanto no objecto descrito, como no modo de produção dos documentos em questão.

No primeiro artigo questiona-se a evolução da percepção geral do espaço urbano e das suas funcionalidades, a partir da análise dos primeiros roteiros das ruas de Lisboa elaborados no início do século XIX. Estes roteiros contribuem para a unificação do espaço urbano que se transforma em objecto de conhecimento autónomo. É a imagem da cidade como rede de ruas que a pouco e pouco se impõe. Este processo responde a uma necessidade de instrumentalização do espaço urbano, permitindo a emergência de novas práticas e hábitos, em primeiro lugar para facilitar a circulação na cidade.

Seguidamente, Tiago Baptista mostra como, no final dos anos 1920, a massificação do espectáculo cinematográfico se desenrola através de uma oposição entre duas formas de distribuição e de consumo – o cinema de estreia e o cinema de reposição – que acabam por recobrir uma tipologia de espaço urbano – um centro que, com a inauguração do cinema Tivoli, em 1924, já não se limita apenas à zona do Chiado, e os bairros mais periféricos descritos como o *bas-fonds* lisboeta. Uma prática cultural como o cinema envolve dinâmicas sociais complexas que têm uma dimensão especificamente espacial. O cinema, como fenómeno social e cultural contribui para a redefinição do ordenamento espacial da cidade e, nomeadamente, da noção de centralidade urbana.

Graça Índias Cordeiro debruça-se sobre o livro de José Sousa Gomes, *Lisboa. Da sua vida e da sua beleza* (1937), uma obra um pouco esquecida, produzida à margem da erudição olisopográfica. Aqui, a questão da descrição e das categorias descritivas ocupa um lugar central. A autora identifica com uma grande precisão alguns elementos estruturadores da descrição. A ideia é que este discurso sobre a cidade age também directamente como forma de construção da urbanidade. É através da noção de «pitoresco» que se constrói uma identidade urbana peculiar, valorizando o passado da cidade.

² Este *dossier* retoma quatro comunicações apresentadas ao XXVI Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social, realizado na Universidade dos Açores, a 17 e 18 de Novembro de 2006, numa sessão moderada por Eloy Fernández Clemente.

Por fim, João Pedro Nunes leva-nos a outros recantos da cidade. Nos anos 1950 e 1960, num período charneira da urbanização de Lisboa e da sua periferia, os «dormitórios» surgem com um novo tipo de território urbano que representa e sintetiza as formas emergentes de vivência urbana e os problemas por elas colocados. O autor cruza aqui duas gamas de descrições desta realidade: os discursos técnicos do planeamento regional e os artigos da imprensa da época.

Os textos ou documentos seleccionados referem-se a temas bastante variados mas dão a ver processos semelhantes. Estes discursos sobre a cidade aparecem sempre como tentativas de organização e de apropriação de um fenómeno tão plural e complexo como é o fenómeno urbano na época contemporânea. Podemos prolongar a análise sublinhando que encontramos aqui efeitos similares das descrições ou, pelo menos, influências comparáveis. Destacam-se três aspectos. Primeiro a dimensão propriamente espacial do fenómeno urbano. As descrições contribuem para o ordenamento do espaço urbano, identificando e valorizando hábitos específicos e estabelecendo distinções simbólicas ou de uso. As ruas dos roteiros, o centro da cidade definido pela presença de cinema de estreia são categorias espaciais que passam a ser de uso corrente. O segundo toca nas definições do que Graça Índias Cordeiro chama «a urbanidade de Lisboa». Existe aí de facto a sensação de uma especificidade do caso da capital portuguesa. A relação com a história e com os tempos passados ou, pelo contrário, com a modernidade, teria sido problemática. Por outro lado, as descrições aqui analisadas testemunham também a circulação internacional de modelos geralmente ligados à noção de progresso ou de modernização: os roteiros lisboetas inspiram-se directamente nos modelos parisienses e londrinos; nos relatos de sessão de cinema, a cidade reveste-se de um certo cosmopolitismo ou, pelo menos, são-lhe reconhecidos alguns atributos das grandes metrópoles europeias. Esta tensão entre a resistência à mudança e as tentativas de adaptação e de acompanhamento das mesmas parece ser um eixo de análise promissor. Por fim, as descrições são também categorias de acção. O exemplo dos «dormitórios» é aqui particularmente ilustrativo. Utilizando as palavras de João Pedro Nunes, as descrições contribuem para «formar conhecimento sobre o território» e para «capacitar a intervenção dos poderes públicos e para influenciar decisões políticas».

Os quatro estudos aqui apresentados permitem acompanhar momentos relevantes e bem identificados da história de Lisboa. Contudo, encontramos também propostas de enquadramento geral da evolução das sociedades urbanas contemporâneas, que focam a dimensão espacial, os confrontos entre diferentes tempo-

ralidades e os modos de intervenção de actores específicos. Jogando entre o geral e o particular e conservando sempre um carácter sintético, as descrições aparecem como objectos de análise particularmente ricos para a história urbana.

Frédéric Vidal
CEHCP-ISCTE / FCT

Ruas e sítios na Lisboa oitocentista.

Usos e classificações em quatro roteiros da cidade

Frédéric Vidal

Na alvorada do século XIX, os viajantes que andavam nas ruas de Lisboa costumavam descrever espaços desordenados, sujos e pouco funcionais¹. A circulação era difícil e perigosa, sendo as ruas sobretudo percorridas pela abundante criadagem que povoava a cidade². Uma vez passado o primeiro impacto visual geral provocado pela grandeza e beleza do sítio natural, o visitante apontava sobretudo a confusão e a sordidez das ruas da capital. A vida quotidiana na cidade era geralmente vista como uma experiência incómoda e sem interesse e à noite eram os cães que tomavam conta de cada praça e esquina³. Se estas descrições acabavam, por vezes, por incorporar as representações tradicionais que, desde a Idade Média, fizeram da cidade uma comunidade de habitantes que se distinguem pelos seus privilégios simbólicos e materiais, faziam-no sempre de um modo pessoal, afastando-se da realidade quotidiana.

No entanto, nesta mesma época, os textos e os discursos sobre ou em torno das cidades portuguesas começam a incorporar referências que testemunham uma mudança significativa das imagens, dos valores e das funções atribuídas ao fenómeno urbano. Trata-se de um processo de longa duração que, no caso português, tem sido pouco explorado⁴. Entre os finais do século XVIII e os meados do século

■ FRÉDÉRIC VIDAL – CEHCP-ISCTE/FCT.

¹ Os meus agradecimentos à Graça Índias Cordeiro e ao João Pedro Góis, pelas suas leituras críticas e seus comentários.

² Ver: Victor de Sá, *Lisboa no Liberalismo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1992, pp. 5-11 e, entre outros, José Pecchio em *Cartas de Lisboa 1822*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, p. 30

³ *Idem*. Ver também o testemunho de José Pecchio.

⁴ Para uma primeira abordagem, embora com outro objecto principal de estudo: Maria Alexandre Lousada, *Espaços de Sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*, Dissertação de doutoramento em